

A EROTIZAÇÃO DA MULATA NA CULTURA BRASILEIRA.

Patrícia da Silva Simões da Cunha; Jéssica Souza de Paiva;

Universidade Federal Fluminense pattysscunha@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a histórica da objetificação da mulher negra, denominado como mulata presente no imaginário cultural brasileiro pelo estereótipo de servilismo profissional e sexual, e que sustentada pelo passado histórico de escravidão, criou o ícone da “mulata profissional”, uma mulher dotada de erotismo e produto das mídias que prestam o papel de comercializar e espetacularizar essa imagem mundo a fora. Buscamos construir uma análise que pretenda investigar o mito da democracia racial amplamente difundido, mas que ironicamente notamos a sua presença apenas durante as festividades do carnaval. Momento em que a mulata torna-se protagonista da festa em que todos os seus atributos físicos são explorados, alçando-a ao posto de celebridade. Endeusada pelo sistema que a coisifica, soma-se a isso, o excesso de violência simbólica que todo o seu passado histórico traz como bagagem. A objetificação sexual da mulata delimita o seu espaço enquanto ser humano e mulher, tornando-a uma figura mítica do desejo imaginário escravocrata e sustentando a manutenção e perpetuação da dominação patriarcal, contribuindo para o controle sócio político de uma nação. Ademais, pretende-se compreender de que maneira o imaginário brasileiro ainda sustenta a reprodução da imagem deturpada da mulher negra enquanto objeto de consumo sexual, portanto a reflexão contribuirá para a desconstrução de estereótipos e discursos racistas, que veladamente ainda se mantém vivos de forma sistemática no Brasil.

Palavras-chave: Mulata, Racismo, Literatura, Estereótipos.

Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir a histórica da objetificação da mulher negra denominada como mulata, presente no imaginário cultural brasileiro pelo estereótipo de servilismo profissional e sexual. Ele está estruturado em três partes: na primeira, são apresentadas as ideias e hipóteses que orientam uma visão antropológica de como se iniciou o processo de construção da imagem subjetivada da mulher negra na sociedade brasileira. Na segunda parte busca-se relatar como este estado de objetificação e profissionalização ganharam escopo e características baseadas na ideia de culturalidade. E na terceira parte propomos uma imersão ao mundo protagonizado pela mulata, mundo este onde suas nuances se confundem muito bem com seu passado histórico, e que intrinsecamente se convergem para o mesmo ponto, trazendo à tona toda uma reconfiguração do binômio “servilismo” e “prazer”.

Abordamos como o discurso de ideologias racistas e segregatórias ancoradas em um estudo biológico de divisão, que fomentou o caráter excludente que tais práticas tinham por objetivo. Percebemos que a sua real finalidade está em oprimir, dividir, separar, coisificar e rejeitar aqueles que de alguma maneira foram escolhidos de forma hierarquizada para morrer. (Foucault 1997). Os efeitos dessa divisão se tornam mais latentes e gritantes ao nos depararmos com as desigualdades existentes, e que se mostram tão marcantes quando colocamos a distribuição de serviços básicos tais como: saúde, educação e trabalho ofertados aos negros, em face do que a população branca tem acesso. Segundo Silva,

Marcadas pelo estigma da escravidão, a elas permanecem destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesam, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com papéis sociais “naturalmente” definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente à sua condição de escrava. Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico. (SILVA 2009, p.71).

Através da utilização dos Estudos Culturais como agente norteador, constrói-se uma síntese dos aspectos analisados e dialogando com o passado histórico, chega-se a um ponto de intersecção, onde os elementos construídos dialogam-se fortemente, fazendo uma ponte entre o passado e o presente.

A pesquisa apresentada neste artigo baseou-se no diálogo teórico-metodológico de diversos autores conceituados no tema, tais como Sônia Maria Giacomini, Lélia Gonzalez, Edward Telles, Gilberto Freyre, entre outros utilizados. O enfoque da pesquisa está nos estudos embasados sobre a objetificação da mulher negra enquanto sujeito na visão da mulata, partindo da perspectiva do ritual social (DORNELLES, 2002) como sendo repetível a fim de se firmar e reatualizar um discurso normatizado como pertencente a um povo, como parte das práticas sociais e ideologias de mundo. Para isto, o presente artigo foi construído em cima de referências de discursos intelectuais, literários, midiáticos e políticos de movimentos raciais. E será através dessas questões de como e por que somos direcionados, corrigidos, avaliados e enquadrados a seguir a todo instante o papel social como destino, articulando elementos desse âmbito à noção de raça e, principalmente, como isso se inscreve e afeta a imagem da mulher negra na sociedade em que vivemos, transformando-a assim, em elemento de consumo dos meios que produzem sujeitos que se normatizam através das marcas de como os corpos são caracterizados e relativizados.

Compreendendo assim, que “nesse processo é possível observar de que maneira os indivíduos classificam o mundo e constroem representativamente a realidade em que vivem” (DORNELLES, 2002, s/p). Praticando uma leitura de mundo de como os rituais sociais de diferenciação marcam os corpos em contexto brasileiro, e analisando como tais práticas midiáticas constroem (repetem) discursos com raízes colonialistas que incidem sobre o corpo pela ação da linguagem.

O racismo se apresenta como uma neurose cultural brasileira. Em conjunto com o sexismo, se transforma em um instrumento de violência contra a mulher negra. O termo raça foi usado pelo estado moderno, objetivando a dominação através do poder. O discurso racista veio como uma perpetuação dos efeitos criados para que essa dominação se efetivasse de maneira sistêmica. O racismo produz um discurso onde se atribui ao sujeito a responsabilidade pelo que acontece a ele. E é nesse contexto que esse artigo busca compreender onde essas bases estão alicerçadas, e como podemos traçar estratégias que venham desconstruir esse padrão comportamental, de uso doméstico e opressor, da imagem que fora construída erroneamente e sistematicamente sobre a imagem da mulher negra.

Foi através dos corpos negros, principalmente das mulheres, que o processo colonizador legitimou suas práticas de objetificação, segundo Gonzalez: “A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho” (...) produto de exportação”.

Não tem como dissociar o discurso de ideologias raciais e de gênero, e não reconhecer como esse conjunto de práticas é estruturante na justificativa do intercurso sexual com as mulheres não-brancas. Segundo Pinho: “a fixação da mulata não poderia permanecer incólume ao avanço da mercadoria e do espetáculo”. E essa espetacularização acaba por se tornar marca registrada de um

infeliz presente, cercado de um passado histórico recheado de mazelas sociais. Lutamos para que possamos ter critérios avaliativos para conceber um mínimo de humanização a essa mulher, onde mente e almas estejam também presentes dentro de um olhar menos sexualizado e faminto por corpos, que na representação do imaginário popular, se resume à mulata.

A mulher negra é sempre representada pelo arquétipo da “mulher fogosa”, “boa de cama”, “mulata”, criando-se assim, o imaginário de superficialidade e inferiorização em relação ao corpo da mulher negra. Através desta afirmativa, percebemos as nuances de transitoriedade que vai do prazer ao trabalho. Hanner nos traz a ideia de que essa construção remonta no passado colonizador.

A escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhou, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhes eram, pessoalmente, destinados. (...) O amor para a escrava (...) tinha aspectos de verdadeiro pesadelo. (HANNER, 1978, p. 120 e 121).

O que deveria ter ficado registrado apenas num passado histórico distante se perpetua até os dias atuais, como aponta Carneiro:

O que poderia ser considerado histórias ou lembranças do período colonial permanecem vivos no imaginário social e adquirem novas roupagens e funções em uma ordem social supostamente democrática que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor e a raça instituídas no período escravista. (CARNEIRO, 2005, p. 23).

O que constatamos é que com papéis sociais “naturalmente” definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente à sua condição de escrava. Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico. Através desta observação, percebemos as nuances de transitoriedade que vai do prazer ao trabalho. Jurema Werneck diretora executiva da anistia internacional Brasil disse:

As mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos. (WERNECK, 2008, p.76)

Percebemos o quanto a ideia de servilismo doméstico e sexual ficou marcada no que concerne à imagem da mulher negra, pois ao passo que esta estava presente nas casas grandes cozinhando e lavando para as mulheres brancas, eram obrigadas a satisfazer os desejos e exigências dos senhores. Criando-se assim, uma relação de coisificação, onde o ser humano não representa nenhum valor diante daquele que detém o poder e o status de superior.

O estereótipo da mulata foi construído ao longo da história através da perpetuação do pensamento de servilismo e subjetividade, ganhando certa notoriedade ao representar a brasilidade nacional, tornando-se o símbolo da sexualidade. Outro ponto analisado para essa perspectiva é o mito de que “a mulher negra seria uma predadora sexual”, pois através de uma imagem excessivamente utilizada mundo afora pela perspectiva do ideário da sensualidade e erotismo, exploraram seus atributos físicos e fortaleceram a ideia de identidade nacional através da objetificação da mulher negra.

Ao olharmos a questão da mulata em outra perspectiva, a de que a sua imagem está fortemente atrelada à objetificação do seu corpo, veremos que esta não se encaixa mais na noção

étnica, mas sim, no da profissão. A mulata se institucionalizou e se tornou símbolo de um entroncado jogo comportamental, erótico e sensacionalista.

Ao estudarmos as mulheres negras (...) é importante considerar que se trata de um contingente invisibilizado ou cercado por estereótipos em todas as regiões do mundo, e não apenas no Brasil. Esta representação insuficiente ou desfavorável se dá a partir dos interesses e necessidades envolvidos nas disputas de poder entre diferentes segmentos sociais, onde têm primazia a população branca e o sexo masculino. (WERNECK, 2007, p.2).

A mídia manipuladora, sensacionalista e opressora, através do marketing excessivo ajuda a perpetuar essa estrutura de pensamento coisificado da mulher negra, alavancando-se assim, o turismo nacional, onde além das belezas naturais existentes no país, utilizam-se as mulheres como recurso de apresentação do imaginário de paraíso tropical fortemente vinculado pelos empresários do turismo, divulgando intensamente a imagem do Brasil como um país de um povo hospitaleiro, simpático, com praias lindas e também com mulheres exuberantes, principalmente em se tratando das mulatas. Soares de Bem acrescenta:

O Imaginário carnavalesco ao qual se associa o Brasil contribui para realçar a beleza sensual de mulheres (no geral mulatas) que expõem sem pudor seus corpos desnudos. Tais imagens se tornam funcionais para os contatos travados na esfera do Turismo, estimulando mesmo o surgimento e o estabelecimento do Turismo sexual em várias regiões do Brasil. (SOARES DE BEM, 2005, p. 59).

A motivação destes turistas é em geral o turismo sexual, pois os registros de brasilidade à fusão entre mulher e natureza, reforçam o simbolismo espetacularizado da figura da mulata, transformando-a assim, em objeto de comercialização no mercado nacional. Percebemos aí, que as constatações que ficaram marcadas no imaginário popular, reforçam o caráter de que a mulata é um “patrimônio cultural” passível de enaltecimento. De acordo com Caetano (apud GOMES, 2010, p. 53) “o marketing turístico institucional da EMBRATUR utilizou seguidamente imagens de mulheres seminuas. As mulheres tornaram-se atrativos turísticos”. Feijó e Calazans (2002, s./p.) acrescentam que a EMBRATUR “teria sido um dos responsáveis pela consolidação do Brasil como rota do Turismo Sexual, já na década de 80. Através da sua política de propaganda, associando a imagem da mulher nativa às paisagens naturais”. Consolidando assim a ideia de que o Brasil seria um lugar onde a mulher era um atrativo turístico, remetendo-a a um produto. Muito embora a EMBRATUR tenha mudado sua postura ao representar o país lá fora, a marca que se produziu sistematicamente ao longo desses anos dificilmente será apagada. Um exemplo claro da visão estrangeira errônea sobre o Brasil, foi o lançamento da marca alemã Adidas durante a Copa do Mundo realizada em 2014 no Brasil. Onde em uma das camisetas estampava a seguinte frase: “I love Brazil”, até aí tudo bem, mas atentando à escrita do “Love”, percebíamos que esta era representada pelo formato de uma nádega feminina. E na outra camiseta estava representada uma mulher de biquíni segurando uma bola, onde estava escrito: “Lookin’to score in Brazil” (Buscando marcar gols no Brasil), o que pode causar ambiguidade de interpretação, associando-se à expressão de “pegar mulheres no Brasil”. O que reforça ainda mais a visão estereotipada da mulher brasileira, tratando-a como objeto disponível aos prazeres do homem. Após reação do governo brasileiro e repercussão negativa da população, a marca alemã retirou as camisetas do mercado.

A categoria mulata, em diversos espaços, remete ao branqueamento, representando a negação da mulher negra e a passividade do gênero feminino. Os padrões de beleza transmitidos pela mídia brasileira constrói uma imagem de feminilidade relacionada às etnias brancas, impondo aos negros traços que remetam ao branco europeu, a mulata pode se encaixar nesse perfil, já que esta apresenta características negras mescladas com o mito de democracia racial, onde aplica que somos construídos a partir da junção das três raças: branco, negro e índio. Através dessa figura mítica, fica implícito não só a intenção de trazer uma espécie de branqueamento a esta personagem,

mas também o sustento de características de positividade e um forte apelo sexualizado que submetem à mulher negra, uma representação daquilo que deveria ter permanecido no passado, contudo traz ainda como marca, roupagens novas, mas com o mesmo significado.

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América que se constitui mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural, que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado, no máximo de contemporização da cultura advéncia com a nativa, do conquistador com a do conquistado. (FREYRE, 2003, p. 160).

Observando o show da mulata Sargentelli, apresentações que iniciaram nos anos 80 e que tinha por objetivo levar a imagem do país mundo afora, personificado no ideário da mulher erotizada e altamente sexualizada, notamos como o estereótipo dessa mulher se faziam presentes e eram extremamente reforçados nas mídias e no contexto social da época. E que “culturalmente” ainda se mantém vivo, enraizados nas entranhas sociais e marcados como um sistema de expansão e perpetuação de algo que no fundo tende a reduzir o caráter da mulher negra, transformando-a mais uma vez em mera mercadoria e objeto de desejo, onde somente seus atributos físicos são enaltecidos, remontando-se assim, ao ciclo interminável de coisificação ao corpo da mulher negra. Nesse embate tido como “cultural”, “a mulata [se performa em] puro corpo, ou sexo, não ‘engendrado’ socialmente” (CORREIA, 1996, p.40), o que torna esse corpo, sexualizado e racializado de maneira “inventiva e desordenada”, o localizando na zona da “selvageria”, “da inocência” e do cômico. A ritualização do corpo mulato passa pela sua representação embranquecida, que nega o próprio corpo para se encaixar no corpo “belo” do branco, tornando-a protagonista de um espetáculo cujo objetivo principal se torna tão somente a comercialização destes corpos. Nas palavras de Sandrinha Sargentelli, responsável por perpetuar a obra do seu antecessor, Oswaldo Sargentelli, define a mulata como:

Aos meus olhos ela é um estereótipo, que com certeza povoa o nosso imaginário, ela se tornou símbolo da mulher brasileira, claro pela mistura das raças, e por toda a energia positiva que tem. Uma beleza plástica sem fim e com certeza um talento extraordinário, principalmente no que diz respeito ao samba. Eu pendo que 90% das mulatas são musicais, já nascem sambando.

Ao analisarmos o termo “mulata”, verificamos que esta deriva de mula, cruzamento entre a égua e o jumento, e que vem a ser usada para designar a mestiça filha de pais negros e brancos. Mulata para o Sargentelli significava elogio, mas hoje, causa repúdio, pois percebemos todo o racismo implícito que esta carrega em seu significado.

O Brasil é definido como o país do carnaval, e o que caracteriza esse rótulo é a descontração e alegria que o sujeito brasileiro carrega consigo. Portanto, o carnaval é um lugar para pensarmos o processo de constituição e deslocamentos de sentidos para um imaginário sobre o país. Trazendo à tona toda a carga de resgate da memória e os papéis que criam uma relação de aposta numa identidade social, onde a mídia se faz presente e reforça essa padronização repetível. Para essa discussão, destacamos a observação de Gregolin (2003, p. 96) sobre a produção de sentidos pela mídia:

[...] a mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem uma “história do presente”, simulando acontecimentos-em-curso que vêm eivados de signos do passado. Se analisarmos o funcionamento discursivo da mídia, poderemos entrever esses movimentos de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social.

Pelo discurso da mídia, o corpo da mulata na avenida é colocado em cena como algo repetido, diferenciado, sexualizado, erotizado, desejado e proibido. É o momento em que “[...] é considerado em sua complexidade histórica, e não apenas como sendo ora o lugar de todos os

pecados ou de grandes virtudes, ora um território aberto a sérios riscos e sedutoras recompensas” (SANT’ANNA, 2005, p. 10). É um corpo de sentidos e enfoques repetidos numa história de brasilidade, de um corpo cujo simbolismo está atrelado aos desfiles de escolas de samba. Não há problemas em mulheres negras exibirem seus corpos como passistas, até porque mulheres sambando fazem parte de todo um processo cultural onde foi fincado o nascimento do carnaval. O sentimento de desconforto e desvalorização se apresenta quando nos deparamos com a constatação de que só há espaço para a beleza da mulher negra no curto período que antecede o carnaval. Pois no intercurso do ano, quem é a protagonista da maioria das campanhas publicitárias são as mulheres brancas.

Não queremos estabelecer aqui uma definição de que só existe objetificação dos corpos femininos na representação da mulher negra enquanto mulata, pois sabemos que todas as mulheres são objetificadas culturalmente e usurpadas de qualquer autonomia. Para o gênero feminino, há um processo compulsório a ser vivido para que a soberania sobre a própria sexualidade seja retomada.

A proposta não é de negar a objetificação, exploração e violência cometidas contra qualquer mulher, mas sim de saber que há diversidade nos contextos. É preciso lidar diretamente com as especificidades de cada grupo e promover discussões mais abrangentes, expondo os valores racistas enraizados e estabelecendo um ambiente onde as mulheres negras possam se empoderar.

É necessário um esforço para conseguir sair da posição de objeto, percebendo que a marcação do corpo da mulher negra passa por rituais históricos de subjetividade, nos remetendo assim, que o único jeito de se alcançar visibilidade, é se tornando mercadoria do imaginário sem direito a voz. A forma como a manutenção sobre a sexualidade feminina é exercida varia de acordo com as outras interseccionalidades da mulher em questão, essa diferença na percepção das situações não é livre de influências socioculturais e é por isso que uma mulher negra sofre os efeitos do machismo de forma tão específica. Não há representação negra nos principais meios midiáticos, causando uma padronização do pensamento eurocêntrico de beleza que alimenta a indústria exclui a beleza negra, tornando-a censurada ou até inexistente.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas, “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas “deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Conclui-se que o presente artigo tendo como objetivo direcionar o olhar interpretativo sobre os fenômenos históricos construídos em cima de rituais de diferenças, naturalizando tais atos como forma de exercer o poder, perpetuando os processos de subjetificação da mulher. Contribuindo para que haja uma leitura crítica de como a sociedade se constitui através de tensões metapragmáticos, repetindo certos discursos naturalizados. Através dessa análise, devemos perceber que o corpo da mulher negra é marcado por processos históricos de subalternidade, objetificação e sexualidade, delimitando-se, que esta seria a única forma de representatividade e visibilidade da mulher negra, silenciando-a e tornando-a num objeto e “pseudo” mercadoria. Esse imaginário, que provém do processo de colonização, enraíza os discursos midiáticos, acadêmicos e sociais, de maneira que constitui uma deficiência da presença de uma multiplicidade de visões de mundo, de novas realidades que transgridam os papéis sociais designados pela hegemonia.

Discutindo aqui sobre a imagem que essas mulheres carregam enquanto sujeitos de um mundo onde imperam a forma opressora e preconceituosa, e sobre como podemos sobreviver a todo esse bombardeio que as desqualificam, muitas vezes. Para tanto, é necessário ação, ressignificação dos atos de fala em novas performatividades e uma comunicação dialógica que represente a

diversidade por ela mesma, pois só podemos nos descolonizar subjetivamente desses estereótipos previamente enraizados e estabelecidos, através de uma consciência que parta de uma metapragmática crítica, desconstruindo o imaginário da subjetividade feminina e desnaturalizando a mercantilização do corpo da mulher.

Referências

- BEM, A. S. do. **A Dialética do Turismo Sexual**. Campinas - São Paulo: Papyrus, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: 2003.
- CAETANO, R. **A publicidade e a imagem do produto Brasil e da mulher brasileira como atrativo turístico**. In: Anais... do CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, Porto Alegre. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.
- CARNEIRO, Sueli. **Ennegrecer al Feminismo: La situación de la mujer negra en América Latina desde una perspectiva de género**. In: NQF. Vol.24, nº2, 2005. CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Thereza. **Mulher Negra**. São Paulo. Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina 1985.
- CARNEIRO, Sueli. **Ennegrecer al Feminismo: CARVALHO, José J. O olhar etnográfico e a voz subalterna**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001.
- CORREA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu (6-7) 1996: pp.35-50. *Recebido para publicação em junho de 1996. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no GT “Gênero e Raça”, XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina, em abril de 1996.
- DORNELLES, Jonatas. **A aplicação do modelo ritual na análise antropológica**. 2002. Disponível em: http://www.equiponaya.com.ar/congreso2002/ponencias/jonatas_dornelles.htm. Acessado em: 13 de junho. 2017.
- DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P. 231-249. _____. **Ética, sexualidade, política**. In: Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. In: _____. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969. _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FEIJÓ, F. C.; CALAZANS, F. M. de A. **A Imagem Internacional do Turismo Sexual no Brasil: O “prostiturismo” no marketing turístico**. 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP3FEIJO.pdf>. Acesso em: 01/07/2017.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. _____. **O sujeito e o poder**. In:
- FREITAS, Maitê. **A cor do amor. O cotidiano afetivo da mulher negra: da compreensão da solidão ao emponderamento**. Edição 188, março 2014. **Raça Brasil**. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/188/artigo308843-2.asp/>. Acessado em: 10 junho. 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. – 5ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- GIACOMINI, Sônia. **Multas profissionais: raça, gênero e ocupação**. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 14, n. 1, jan./abril, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. In. Movimentos Sociais Urbanos: memórias étnicas e outros estudos. Org. Antonio Silva Brasília, ANPOCS, 1983.

GREGOLIN, M. R. J.-J. **Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso**: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (org.). Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 21-36.

_____. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. Maria do Rosário Gregolin (org.). São Carlos: Claraluz, 2003.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOOKS, B. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995.

SANT'ANNA, D. B. (org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

WERNECK, Jurema. **O Samba Segundo as Ialodês**: mulheres negras e a cultura midiática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Tese de doutorado (Comunicação).

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe!** Movimento de Mulheres Negras e Estratégias Políticas contra o Sexismo e o Racismo. Artigo apresentado no Colloque International Genre. Vents D'Est, Vents D'Ouest – mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux. Genebra, 16 e 17 de outubro de 2008, organizado pelo Institut de Hautes Études Internationales et du Développement.

